



PRÁTICAS DE LEITURA DO GÊNERO DISCURSIVO QUADRINHOS

READING PRACTICES OF THE COMIC DISCURSIVE GENRE

Janete Abreu Holanda (UEG)¹

Guido de Oliveira Carvalho (UEG)²

Resumo: O presente artigo é resultado do projeto de extensão intitulado “Leitores e Leituras de História em Quadrinhos” da Universidade Estadual de Goiás (UEG), campus Cora Coralina. Esse projeto pretende propiciar o letramento por meio do gênero discursivo História em Quadrinhos, no contexto escolar. Assim sendo, intencionamos, por meio deste texto, discutir e apresentar uma orientação metodológica, uma reflexão analítica sobre os conceitos axiológicos do dialogismo – situação extraverbal – advindos dos estudos do Círculo de Bakhtin – especificamente as obras Voloshinov (2019) e Bakhtin (2003) – e de outros pesquisadores que desenvolveram pesquisas nesse escopo teórico, como Vergueiro (2009), Rodrigues (2001), entre outros. Assim, propomos um exercício de leitura, aplicando esse conceito eleito para mostrarmos como se poderia realizar a prática com esse gênero discursivo sob essa perspectiva, para que o professor, em sala de aula, possa criar condições para o aluno, enquanto leitor desse gênero, perceber que deve ir além da reprodução do que está dito no texto, devendo perpassar o sentido do que está escrito ou expresso: abrangendo uma dimensão social, histórica e cultural, na construção de novos sentidos. Somente dessa forma, acreditamos que ele possa se tornar um leitor proficiente, inserido na sociedade e participando como sujeito ativo/responsivo. Assim, ao voltarmos nosso olhar para a leitura da HQ de Maurício de Sousa, especificamente, podemos analisá-la a partir dos conceitos basilares e propor uma abordagem discursiva, visto que ao explorá-la como enunciado, temos uma proposta abrangente de discussão para além do que está descrito no texto.

Palavras-chave: História em quadrinhos. Gênero discursivo. Leitura. Discurso.

Abstract: This article results from the extension project entitled “Readers and Readings of Comics” at the State University of Goiás (UEG), Cora Coralina campus. This project aims to provide literacy through the discursive genre Comics, in the school context. Therefore, we intend, through this text, to discuss and present a methodological orientation, an analytical reflection on the axiological concepts of dialogism – extraverbal situation – arising from the studies of the Bakhtin Circle – specifically the works of Voloshinov (2019) and Bakhtin (2003) – and of other researchers who developed research in this theoretical scope, such as Vergueiro (2009), Rodrigues (2001), among others. Thus, we propose a reading exercise, applying this chosen concept to show how this practice could be carried out with this discursive genre from this

¹ Profa. Dra. da Universidade Estadual de Goiás, Câmpus Cora Coralina. Doutora em Letras e Linguística pela Universidade Federal de Goiás e Doutorado sanduíche na Università degli Studi G. D'Annunzio. E-mail: jneteholanda@hotmail.com

² Doutor em Letras pela UFG. Professor do curso de Letras da UEG-Câmpus Coralina. E-mail: longevos2020@gmail.com



perspective, so that the teacher, in the classroom, can create conditions for the student, as a reader of this genre, to realize that he or she must go beyond the reproduction of what is said in the text, and must go beyond the meaning of what is written or expressed: encompassing a social, historical and cultural dimension, in the construction of new meanings. Only in this way can the student become a proficient reader, inserted in society and participating as an active/responsive subject. Thus, when we turn our attention to the reading of Maurício de Sousa's comic book, specifically, we can analyze it based on the basic concepts and propose a discursive approach, since by exploring it as a statement, we have a comprehensive proposal for discussion beyond what is described in the text.

Key words: Comic book. Discursive genre. Reading. Discourse.

INTRODUÇÃO

Durante a década de 1990, com a publicação dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN, 1998), o ensino de língua portuguesa se reorientou inserindo o objeto de estudo e de ensino com o gênero discursivo.

Embora, por muito tempo, os textos conhecidos sob o grande rótulo “quadrinhos” foram ignorados nas práticas de ensino, acreditamos que esses, enquanto gêneros discursivos, a partir da reorientação do PCN, encontram espaço para fazer parte da aula de leitura.

Percebemos que os pesquisadores de quadrinhos também veem uma necessidade de usar esse gênero na escola, pois conforme Vergueiro (2009):

- Os estudantes querem ler quadrinhos, uma vez que este texto já faz parte do cotidiano de muitos alunos e esses se identificam com os ícones da cultura de massa;
- relação da palavra e da imagem são linguagens complementares no processo de leitura;
- um alto nível de informação nos quadrinhos, abarcando desde temas cotidianos a polêmicas sociais e políticas;
- quadrinhos enriquecem o vocabulário dos estudantes;
- linguagem quadrinística possibilita o leitor a pensar e a imaginar;



- Os quadrinhos podem ser utilizados em qualquer nível escolar e com qualquer tema.

Na Base Nacional Comum Curricular (2017), podemos encontrar também referências ao uso das histórias em quadrinhos (HQs) em sala de aula. Segundo esse documento, na competência três específica de língua portuguesa para o ensino fundamental, indica que

Ler, escutar e produzir textos orais, escritos e **multissemióticos** que circulem em diferentes campos de atuação e mídias, com compreensão, autonomia, fluência e criticidade, de modo a se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos, e continuar aprendendo (BRASIL, p.87).

Com isso, a finalidade do ensino-aprendizagem de Língua Portuguesa é permitir o desenvolvimento crítico e reflexivo dos alunos como agentes da linguagem, capazes de usar as diferentes linguagens em diversificadas atividades humanas.

Sabemos que a linguagem multissemiótica, as HQs a exemplo, exige mais do leitor a sua interpretação. Dessa forma, a prática de sua leitura deve ser reavaliada, pois

imagem, palavra, cor, gesto e diagramação se complementam, se contrapõem, se integram (ou não), sempre com o propósito de significar mais. Cada uma dessas linguagens pode ser utilizada de modo mais adequado para atingir certo propósito comunicativo e, quando combinadas, o potencial funcional é mais amplo (Ferreira; Vieira, 2015, p. 112).

Por isso, para se trabalhar as HQs, o professor deve levar o aluno a refletir sobre as estratégias de dizer para poder romper com os limites do verbal e atingir o âmbito multissemiótico do enunciado e das enunciações. Esclarecemos que o termo “enunciado” deve ser compreendido como palavra/discurso vivo, que faz parte da realidade concreta do uso da língua, e não como uma frase composta apenas por signos linguísticos, retirados de um sistema abstrato.

Desta forma, ler HQs não se resume em extrair o que “está dito” no texto, ou seja, o que está visível, é ir, além disso, fazendo remissão a algum outro texto ou valores sociais a que está correlacionado, ou seja

ler, [...] é saber que o sentido pode ser outro. Mesmo porque entender o funcionamento do texto enquanto objeto simbólico é entender o funcionamento da ideologia, vindo em todo



texto a presença de um outro texto necessariamente excluído dele, mas que o constitui (Orlandi, 2004, p, 138).

Com essa mesma forma de conceber a leitura, podemos, com base nos estudos do círculo de Bakhtin, entender que para ler HQs é preciso levar em conta, como aspecto intrínseco, o solo real que alimenta o enunciado – o extraverbal – e as relações dialógicas constituídas (Volochínov, 2019), para ir além da dimensão verbovisual. Diante dessa constatação, defendemos que realizar uma leitura tendo uma reflexão da dimensão extraverbal é necessária. Nesse sentido, Rodrigues (2001) defende:

Para além de uma parte verbal expressa (exprimida, materializada), fazem parte do enunciado, como elementos necessários a sua constituição e a sua compreensão total, isto é, à compreensão do seu sentido, outros aspectos constitutivos do enunciado, que se pode denominar como a sua dimensão extraverbal, ou a sua dimensão social constitutiva (Rodrigues, 2001, p. 22).

Conforme o autor, ir além do enunciado é fundamental para que o leitor perceba o cronotopo (quando e onde foi produzido) no texto, o campo de atividade humana no qual se situa, os interlocutores envolvidos, enfim, buscar informações sobre os elementos que integram a dimensão extraverbal. Desconsiderar esses elementos pode resultar em leituras puramente sistêmicas e abstratas.

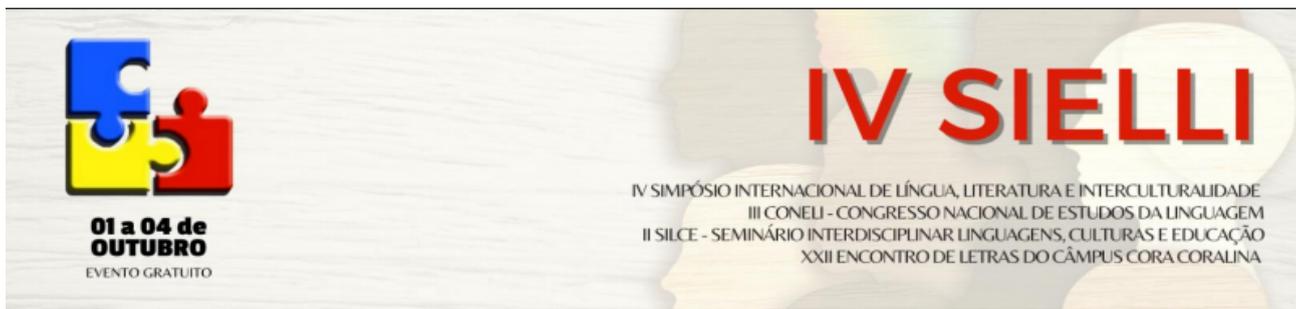
No próximo tópico, vamos realizar um gesto analítico dessa dimensão.

A DIMENSÃO EXTRAVERBAL DOS ENUNCIADOS

Para melhor compreendermos tal dimensão, é preciso que retomemos as circunstâncias e o foco dos estudos do Círculo de Bakhtin com relação ao discurso.

Sobre o isso, Campos (2007, p.132) faz o seguinte apontamento:

É preciso compreender a enunciação como o produto da interação de dois indivíduos socialmente organizados. A enunciação não se encerra na palavra, na fala. É necessário considerar a situação extraverbal, ou seja, a enunciação está carregada de ideias presumidas. E o presumido somente poderá ser entendido no contexto do enunciado, ou melhor, na situação extraverbal. Só se compreende de maneira ampla o enunciado na medida em que, metodologicamente, assume que os sentidos das palavras são dados na história.



Assim, como a enunciação não se encerra na palavra, no estritamente linguístico, o leitor deve perceber que a significação é constituída além do conteúdo puramente linguístico, uma vez que pode ser reproduzido indefinidamente. Nesse processo, cada enunciado possui uma significação própria.

Para isso, é necessário analisar o contexto de produção dos textos-enunciados, ou seja, o contexto extraverbal.

Para Volóchinov (2019), fazem parte do contexto de produção do enunciado: “1) o horizonte espacial comum dos falantes; 2) o conhecimento e a compreensão da situação comum aos dois; e finalmente 3) a avaliação comum dessa situação” (Volóchinov, 2019, p. 118-119).

Exemplifiquemos tais conceitos por meio de um exemplar do gênero HQs. Esclarecemos que não iremos apresentar a narrativa produzida do gibi, pois acreditamos que somente com a apresentação da capa possamos demonstrar a noção do contexto de produção do enunciado.

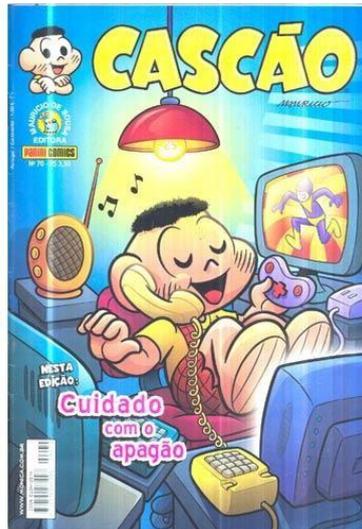
Também esclarecemos que Bakhtin não descarta a possibilidade de considerar outras formas de manifestação enunciativa, ou seja, os outros meios de expressão, conforme afirma:

abordagem ampla das relações dialógicas, estas são possíveis também entre outros fenômenos conscientizados desde que estes estejam expressos numa matéria signíca. Por exemplo, as relações dialógicas são possíveis entre imagens de outras artes, mas essas relações ultrapassam os limites da metalinguística (Bakhtin, 2003, p. 184).

Ao abrir esse espaço para a reflexão sobre novas formas de produção enunciativa, Bakhtin permite-nos a analisar o verbo-visual. Desse modo, ao nos depararmos com uma capa de gibi abaixo, imediatamente reconhecemos um modelo mais ou menos estável de produção que conjuga o verbal e o visual.



Figura 1: capa do gibi de Cascão



Fonte: Cascão, 1a. série, Editora Panini, n. 70, out. 2012.

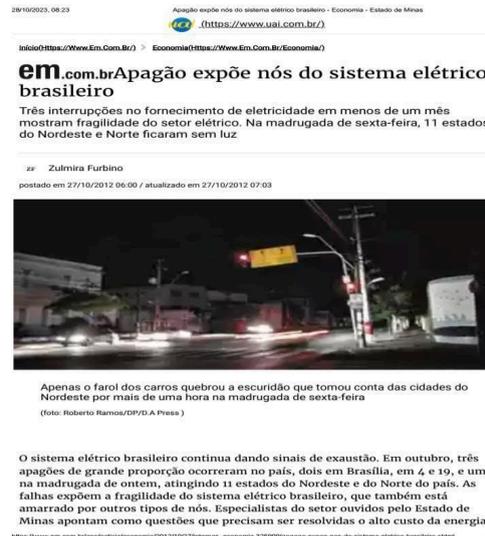
Quando exploramos o horizonte espacial e temporal de produção desse texto enunciado, devemos procurar resgatar seu lugar e momento de produção. Mesmo que o leitor não tenha lido a narrativa apresentada no gibi, pela capa em questão, para entendê-la, o leitor deve realizar contextualizações enunciativas sustentadas por Volóchinov (2019), isto é, o contexto espaço-temporal, no caso da capa em questão, refere-se ao momento da crise energética que atingiu o país, em 2012.

Como é de se observar, não há possibilidade de o leitor compreender essa capa do gibi isolada, mas articulada à sua situação de produção e às relações sociais que a fizeram surgir (RODRIGUES, 2001). Por isso, os signos de outra natureza (não os verbais) devem ser considerados na análise do enunciado.

Percebendo também esse aspecto, podemos considerar o texto-enunciado produzido por Maurício de Sousa sustentado por outras vozes, outros discursos que provocarão outros efeitos de sentidos. Assim, em 2012, circulou em vários jornais o acontecimento do apagão:



Figura 2: notícia sobre o apagão

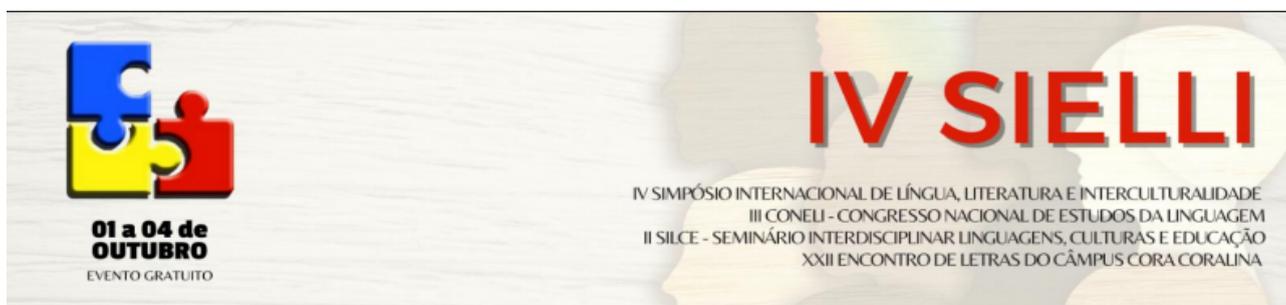


Fonte:

https://www.em.com.br/app/noticia/economia/2012/10/27/internas_economia,325909/apagaexpoe-nos-do-sistema-eletrico-brasileiro.shtml

Dessa forma, o texto-enunciado de Maurício, como diz Bakhtin: “(...) leva para além dos seus limites. Toda interpretação é o correlacionamento de dado texto com outros textos” (BAKHTIN, 2003, p.400). Ou seja, a história criada pelo cartunista Maurício implica minimamente dois sujeitos: um produtor e o seu “outro” os quais estão inseridos na corrente de interação verbal, produzindo sentidos sobre o mundo em que vivem. Assim, o autor do gibi Cascão age com os já ditos (o dado), mas também (re)cria (o novo) de modo singular, a partir do lugar social único que ocupa. Mas, o leitor só poderá pode realizar uma abordagem sócia histórica de produção de sentidos se tiver conhecimento do contexto da enunciação.

Também, o leitor deve procurar perceber os acentos valorativos que impregnam a seleção de formas utilizadas pelo autor, mas sempre em relação ao extraverbal. A exemplo, quando observamos na materialidade linguística da capa (fig. 1), percebemos que o autor faz um alerta ao leitor, ao apresentar a palavra “cuidado”, aspectos reforçados pela imagem, pela atitude de Cascão, o qual está interagindo por meio de vários instrumentos de comunicação. Assim, o foco do autor é demonstrar que o excesso de consumo de energia provoca uma crise energética (apagão). É



interessante também verificarmos as imagens apresentadas, pois elas também vão possibilitar a constituição de sentidos. Na capa, podemos perceber que o personagem Cascão está rodeado de instrumentos de comunicação, mas esses instrumentos marcam um tempo da enunciação. Para percebermos esse espaço/tempo, vejamos outra capa de outra história de Maurício:

Figura 3: Gibi da turma da Mônica Jovem



Fonte:

<https://www.livrariamaniadecultura.com.br/veneno-virtual-vol-57-turma-da-monica-jovemmauricio-de-sousa-p4454>

Se fizermos uma análise percebendo as relações, podemos, enquanto leitores, verificar que essa outra capa traz outras condições de produção, pois nela percebemos que a personagem principal, a Mônica, que já está adulta, está envolta em um mundo virtual, o qual é considerado “um veneno” pelo autor.

Com isso, apreendemos que o autor posiciona-se frente duas realidades nas duas capas, porém, ele acaba marcando, discursivamente, a sua posição e se aliando a um discurso social, mas dando a cada discurso o seu tom, as suas palavras responsivas próprias, como é instituído por qualquer espécie legítima de compreensão.

Portanto, o contexto extraverbal possibilita que um leitor faça relações entre enunciados, percebendo que eles fazem parte de uma cadeia discursiva. Por isso, ao ler o texto, ele deve perceber que nenhum enunciado pode ser o primeiro ou o último, mas deve perceber que o texto/enunciado não pode ser estudado fora dessa cadeia (Bakhtin, 2003).



Diante de tais considerações, acreditamos que a leitura de HQs precisa contemplar:

- o contexto extraverbal;
- a abordagem valorativa da língua, considerando que os usos linguísticos são atravessados por valorações e por entonações expressivas;
- os juízos de valor, agenciados pelos recursos discursivos, estilísticos e linguísticos;
- a orientação interna e externa nas interações, bem como sua inserção em um campo da atividade humana.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apresentar um estudo da dimensão extraverbal de um exemplar do gênero HQs, fez com que pudéssemos dar ênfase para um trabalho com a língua viva e concreta, materializada em textos-enunciados. Agindo dessa forma, podemos, enquanto leitores, considerar a discursividade e a criticidade que compõem tais enunciados.

A nossa reflexão da dimensão extraverbal esclarece compreensões basilares do papel do autor da HQ e dos interlocutores que entram em contato com esse gênero, sejam físicos ou on-line. Não basta, desse modo, que um leitor, ao ler uma HQ, somente perceba a materialização linguística ou imagética, é preciso conhecer os contextos que envolvem as palavras e as imagens desse gênero.

Não queremos com a apresentação desse trabalho, dar “receitas” de procedimentos, mas queremos apresentar apenas um exemplo de análise do contexto extraverbal de um enunciado concreto para que o professor possa em sua prática levar o aluno a ler de forma mais discursiva.

Não queremos limitar forma específica de análise, pois acreditamos que há tantas outras possibilidades. Assim, essa discussão não se encerra neste momento; trata-se apenas de um elo na cadeia da comunicação verbal.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Introdução e tradução do russo, Paulo Bezerra. 4.



ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. 4ª versão. Brasília: MEC, dezembro de 2017. 470 p.

CAMPOS, N. de. Discurso: lugar de produção de sentidos e de luta pela verdade. **Publ. UEPG Humanit. Sci., Appl. Soc. Sci., Linguist., Lett. Arts**, Ponta Grossa, v. 15, n. 2, p. 129-138, dez. 2007.

FERREIRA, Helena Maria; VIEIRA, Mauricéia Silva Paula. Multimodalidade, leitura e escrita: novas práticas de letramento. In: CANO, Márcio Rogério Oliveira. (org). **Língua portuguesa: sujeito, leitura e produção**. São Paulo: Blucher, 2015. p. 109 –124

ORLANDI, Eni Puccinelli. Uma questão da Leitura: a noção de sujeito e a identidade do leitor. In: **A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso**. 4º ed. Campinas, SP: Pontes, 2004, p. 177- 191.

RODRIGUES, R. H. **A constituição e funcionamento do gênero jornalístico artigo: cronotopo e dialogismo**. 2001. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2001

VERGUEIRO, W. Uso das HQ no ensino. VERGUEIRO, W; RAMA, A (Orgs). **Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula**. 3ed. 3 reimp. São Paulo: Contexto, 2009. p. 7-29.

VOLÓCHINOV, V. **A palavra na vida e a palavra na poesia: ensaios, artigos, resenhas e poemas**. Organização, tradução, ensaio introdutório e notas de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2019. 400 p.